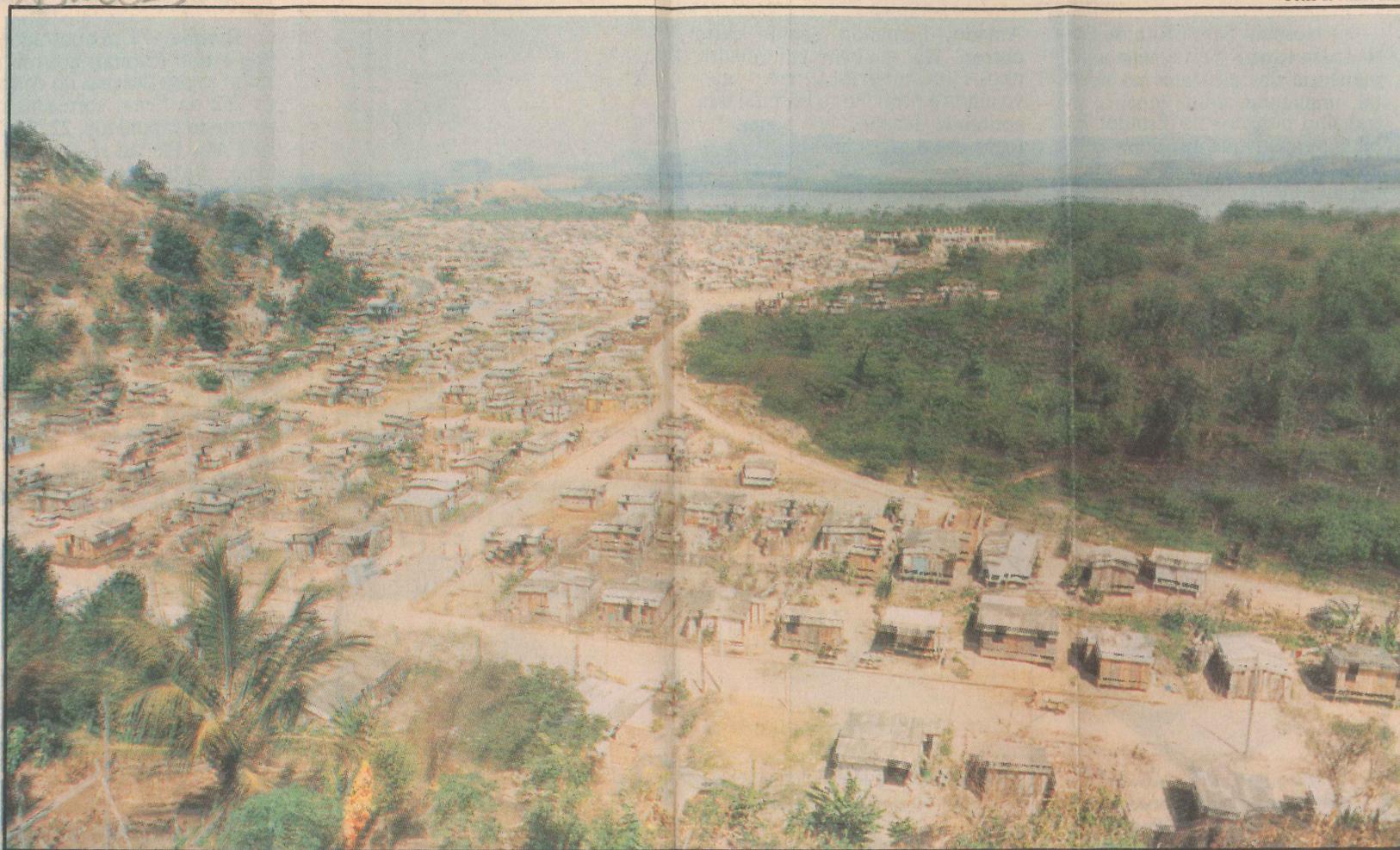


Faltam posto de saúde e água na Grande São Pedro

Falta de postos de saúde, água, policiamento e área de lazer. Estas são as principais queixas dos moradores da Grande São Pedro, que reúne seis pequenas regiões com aproximadamente 20 mil moradores, de acordo com a Prefeitura de Vitória. O bairro surgiu em 1977 e com muita luta os moradores conseguiram conquistar algumas melhorias. A batalha da comunidade se reflete em nomes de ruas e localidades: há a Rua da Coragem e a Rua do Acordo. Um dos bairros da região foi batizado de Resistência. A área se desenvolveu mas ainda há muito o que fazer. A infraestrutura é precária e o cólera é uma ameaça às famílias que não contam com rede de esgoto.

A Grande São Pedro se divide em seis localidades e cada uma enfrenta dificuldades próprias, mas alguns problemas são compartilhados por toda a região. A falta de postos de saúde é um deles. Para todo o bairro, há apenas cinco unidades sanitárias. Para serem atendidos, os moradores muitas vezes se vêem obrigados a passar a noite na fila.

Nos postos de saúde, as pessoas são atendidas por clínicos gerais e não há especialistas como oculistas ou oftalmologistas, segundo o pedreiro Sebastião Barcelos de Jesus, de 36 anos. “Para fazer exame de vista, tive que ir a Cariacica. Eu tinha parado de estudar porque não conseguia. As letras iam sumindo na minha frente. A vista embaçava”. Para Sebastião, o pior foi ter que esperar horas na fila e não conseguir ser atendido pelo médico



Fotos de Nestor Muller

Com uma infraestrutura precária, a Grande São Pedro é formada por seis pequenas regiões de manguezal que têm cerca de 20 mil habitantes

Mau cheiro de usina incomoda

Os moradores do Bairro Resistência, que compõe a Grande São Pedro, sofrem diariamente com o mau cheiro e a intensa fumaça vindos da usina de lixo, além de grande parte dos esgotos que correm no meio da rua, o que pode ocasionar problemas de saúde nas crianças, como, por exemplo, dor de cabeça e o cólera. Na região já foram confirmados casos da doença em uma família.

“Devido ao mau cheiro da usina, ninguém mais tem saúde no lugar”, garante Rosa Pereira. “Meus três filhos ficam constantemente com problemas de pele e dor de cabeça”. Ela não tem dúvidas de que os problemas começaram a ocorrer há dois anos, quando da instalação da usina.

Todo fim de tarde, segundo Ivanete Araújo, há tanta fumaça que fica impraticável colocar roupas no varal e nem dá para receber visitas. Às vezes, adiantou a professora Sheirley da Conceição, é impossível almoçar e dormir à noite. Conforme a moradora, os motoristas de ônibus estão também sendo prejudicados, pois, quando a fumaça aumenta, eles não conseguem passar pelas ruas.

Bairro nasceu da união popular

Década de 70. O desemprego é motivo de angústia entre um enorme contingente de famílias oriundas do campo e que não param de chegar à Grande Vitória. No Contorno da cidade, o mangue ainda é moradia quase exclusiva dos caranguejos. Mas essa realidade muda, de repente, no início de 1977, quando surge o Bairro São Pedro. Em abril daquele ano a “rádio peão” — a informação passada de boca em boca — levou para o local dezenas de famílias, originando a maior ocupação de terra de todos os tempos na capital do Estado. Quinze anos depois, com uma população de aproximadamente 20 mil pessoas, a Grande São Pedro é reflexo do poder de organização popular.



Jair chegou ao local em 75



Leda brigou muito pelo lixo



O maior retrato da pobreza é o grande número de palafitas no bairro

que esperar horas na fila e não conseguir ser atendido pelo médico de que precisava. "Cheguei às 3 horas da manhã. Tem gente que até dorme na fila". De acordo com Sebastião, quando os profissionais de um posto tiram férias, a Prefeitura não contrata substitutos e a população fica desassistida por um mês.

Outro problema enfrentado pela comunidade de São Pedro é a falta de pavimentação nas ruas. Quando o bairro foi urbanizado, no início dos anos 80, durante a administração do ex-prefeito Hermes Laranja, as ruas foram asfaltadas sem que fosse instalada rede de esgoto. Os dejetos eram lançados na rua. O prefeito seguinte, Victor Buaziz, promoveu a instalação de manilhas, o asfalto foi retirado e a maioria das ruas hoje não é pavimentada.

Ônibus

O transporte coletivo não é fiscalizado pela Secretaria Municipal de Transportes, de acordo com o presidente do Centro Comunitário de São Pedro III, Evanilton Martina, e muitos motoristas de ônibus alteram a placa de indicação do itinerário para confundir os usuários, segundo Evanilton. "Eles viram a placa e colocam 'Especial', e não param. Já solicitamos a instalação de um posto fiscal na Rodovia Serafim Derenzi, no canteiro de obras da Odebrecht".

As crianças do bairro se queixam principalmente da falta de uma área de lazer. Em toda a região, só há uma praça, a Dom João Batista, com duas quadras poliesportivas de cimento e uma de areia. Segundo a estudante Sheila da Costa Silvestre, de 11 anos, há outras quadras espalhadas pelo bairro, de areia, mas estão sempre cheias. "A praça é a única opção de lazer. Às vezes, eu tento jogar vôlei mas tem sempre muita gente".

De maneira geral, os moradores são unidos e em todos os bairros da Grande São Pedro há centros comunitários onde as pessoas se reúnem para discutir os problemas. As reuniões, geralmente, são semanais e a pauta de discussões é elaborada na hora, de acordo com as dificuldades enfrentadas no momento. As discussões podem abordar temas como deficiência na coleta de lixo, a construção da próxima escola ou o sistema de iluminação pública.

dro é reflexo do poder de organização popular.

Do São Pedro I — hoje praticamente todo urbanizado — ao VI, denominado Resistência, devido ao movimento desenvolvido por seus ocupantes para a garantia de posse da terra — são muitas as histórias de luta dos seus moradores. O "Lugar de toda pobreza", como o definiu Maria Leda dos Santos, 69, uma das protagonistas do filme de mesmo nome dirigido pelo jornalista Amylton de Almeida, é bom que se diga, já não ostenta tanta miséria. Do "lixão", fonte de sobrevivência de muitas famílias locais, restam lembranças. Os catadores, sindicalizados, agora são trabalhadores avulsos a serviço da usina de lixo da Prefeitura de Vitória, que funciona em Resistência.

Até o papa

O lixo que aterrou lotes e alimentou famílias acabou se tornando uma espécie de estigma para a população de São Pedro. Jair Bernardo da Silva, 45, o "Jair Lixeiro", ex-catador, ex-comprador (intermediário) e atual gari da PMV, diz que chegou ao local em 1975, quando apenas uns quatro aventureiros — o primeiro teria sido um tal Jonathan Procópio de Souza — ocupavam o manguezal. Ele conta que no início de 1977 já eram 30 as famílias de ocupantes e o

Jair chegou ao local em 75

Governo do Estado queria transferir o pessoal para a Serra. Foi aí que a organização popular (há quem diga que estimulada por um político interessado em futuros votos) começou. "Em 90 dias já eram 300 barracos e aí os conflitos com a Polícia aconteceram", diz Jair.

A professora Graça Andreatta, 43, autora do livro *Na lama prometida a redenção* — doado ao papa João Paulo II, que esteve em São Pedro no ano passado, onde celebrou uma das missas em sua viagem ao Brasil — chegou ao local em fevereiro de 1977. Um fiscal da PMV levou, ela e o marido, Ruy Coelho, até o mangue, alertando-os sobre a possibilidade de a ocupação não "vingar". Mas vingou. Como formigas trabalhadoras homens, mulheres e crianças "plantaram" seus barracos no mangue. Organizados, delimitaram ruas em plena lama, reivindicaram melhorias e até implantaram o que definiram como "metodologia da necessidade", numa escola construída e dirigida por eles mesmos, denominada, inicialmente, "Grito do Povo".

Dona Leda, hoje aposentada como servente pela PMV, foi a primeira presidenta da Associação de Catadores de Lixo, entida-

Leda brigou muito pelo lixo

de que fez história e gerou polêmica. A associação surgiu após uma "greve" de catadores, que se negavam a vender barato os resíduos recicláveis para os atravessadores. Posteriormente, uma decisão inédita da Justiça garantiu a eles a posse sobre o lixo.

Cenário de miséria, o "lixão" também reproduziu a briga pelo poder que se observa na sociedade. Em 1986, quando Maria Eva de Oliveira, 31, "Mara", assumiu a presidência da associação — hoje há também um sindicato, para cuja presidência a própria Mara, em prisão domiciliar, processada por seu envolvimento num crime, foi eleita. Ainda há muitos barracos, gente pobre a transitar por lá, mas São Pedro vive uma realidade diferente do passado.

As ruas que surgiram na lama, fruto de muitas discussões no processo de organização, — Rua do Acordo, Beco do Amor, Rua da Coragem — mesmo com modificações no nome, impostas por alterações votadas na Câmara de Vereadores, têm para os moradores o mesmo significado. Mas a terra que o papa visitou, e que dele recebeu uma doação de US\$ 100 mil (Cr\$ 2,3 bilhões) continua reivindicando melhorias para seus moradores.

O maior retrato da pobreza é o grande número de palafitas no bairro

Comunidade pede policiamento

A Grande São Pedro ainda luta para poder sanar problemas básicos, como falta de água e segurança. A água não cai há meses nas caixas das casas, apenas chega, muito fraquinha, nas torneiras baixas. Segurança não existe. Roubos são diários e acontecem tanto ao dia quanto à noite. A Polícia Militar, em reunião com a comunidade, segundo o morador Ivanildo Cândido Martins, prometeu implantar a Polícia Montada no bairro. "Até hoje não cumpriu", garante.

Os moradores estão alarmados com o crescente número de assaltos na região. "Não se pode mais sair de casa à noite", disse Manoel Ferreira, acrescentando que não vê um policial nas feiras que acontecem toda a semana no bairro, "muito menos viaturas". Para se proteger, os alunos da Escola Tancredo Neves estão indo armados de facas e revólveres para assistir às aulas. "É preciso colocar policiais revistando os garotos", aconselha Eucília Goretí Scobar, pois "sempre ocorrem brigas".

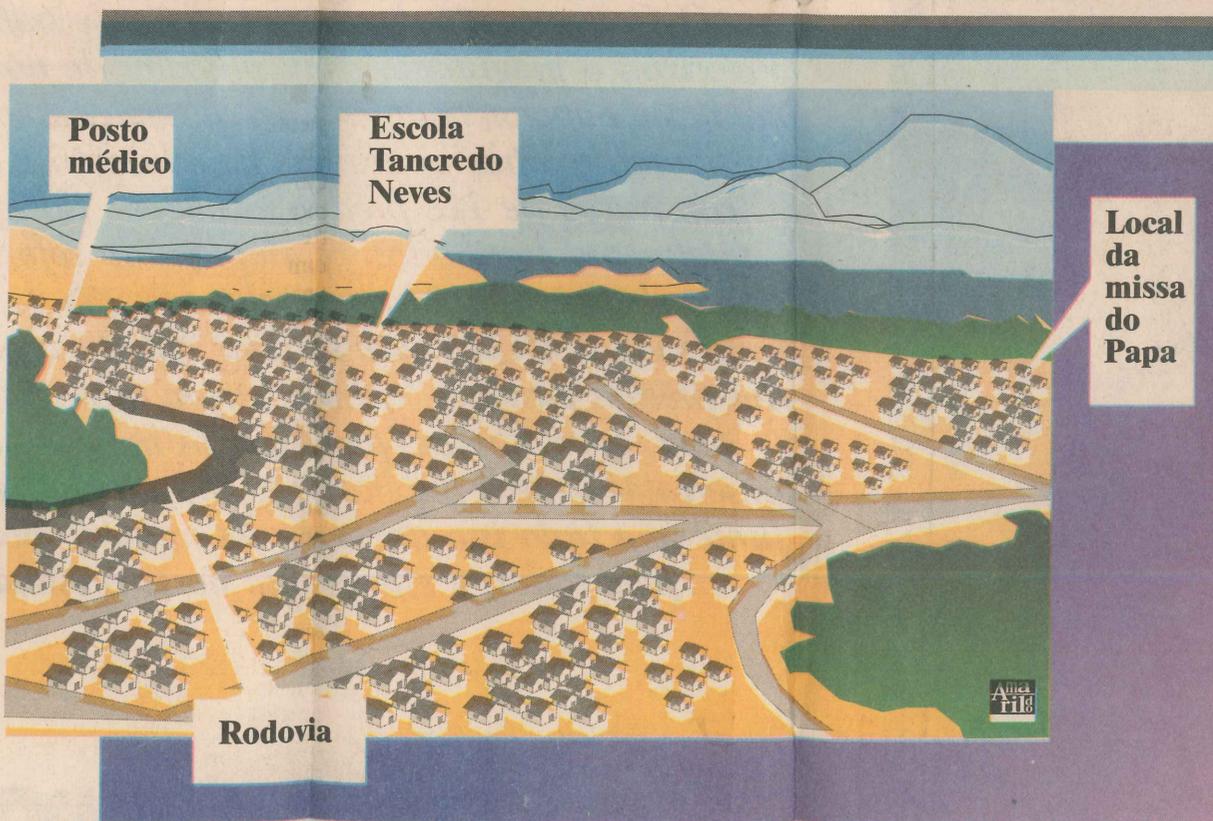
Já a água é um problema antigo. A Cesan construiu uma nova rede no bairro para melhorar o

abastecimento. Acabou piorando, segundo Mauro de Jesus Silvestre. "Agora temos que pegar água de madrugada em torneira baixa e ficamos até sem tomar banho" — acrescentou Manoel Ferreira — "para poder deixar água para beber e cozinhar".

IPTU

Outro problema que aflige os moradores é o IPTU. Eles estão pagando em média uma taxa de Cr\$ 2 milhões. "Cinquenta por cento do imposto estão vindo em nome de pessoas que já morreram", disse Ernesto Gomes Queiroz.

Segundo ele, está havendo muita distorção, por parte da Prefeitura de Vitória, na cobrança do IPTU, pois "tem casa de lajota que o proprietário está pagando Cr\$ 400 mil, enquanto um barraco de tábuas o valor ultrapassa a Cr\$ 3 milhões". Ele tem uma explicação para essa irregularidade: "A medição dos terrenos para se cobrar o IPTU foi feita por alunos da Escola Técnica Federal, que levaram tudo na brincadeira e não eram profissionais".



População: Cerca de 20 mil habitantes

Área: 1.496.200 (incluindo São Pedro I, II, III, Nova Palestina e Resistência).

O bairro possui escolas, creches, mercearias, farmácias, bares, açougue, supermercado, salão de beleza, padarias e pequenas lojas de conserto de eletrodomésticos.

■ "Além de casa lotérica, a gente não tem, aqui em São Pedro, um posto do Banestes. Isso dificulta a vida de todo mundo, porque além dos comerciantes, o resto dos moradores precisa de um banco para pagar suas contas". Jair da Silva, funcionário público.

O Departamento de Marketing do Banestes informa que o banco só pode analisar a viabilidade de implantação de um posto no bairro mediante requerimento apresentado por lideranças comunitárias à presidência.

■ "Na Rua 22 de Dezembro, em São Pedro II, existe uma área de lazer abandonada e sem iluminação. O local está sendo utilizado como ponto de encontro de casais. Queremos que a Prefeitura adote providências". Célia Maria da Silva Lopes, dona de casa.

O responsável pela supervisão da Divisão de Parques e Jardins

da PMV, Tibúrcio José Netto, explica que existe uma programação sendo cumprida, no que diz respeito à reforma de praças. E garante que São Pedro II será atendido ainda neste ano.

■ "Não existe escola de 2º grau no Bairro São Pedro III e a gente gostaria que pelo menos o curso supletivo pudesse ser oferecido para os moradores. Também incomodam os morcegos espalhados pelos telhados do colégio Francisco Lacerda de Aguiar e da creche Cantinho da Amizade". Hermínia França de Albuquerque, vendedora.

A técnica do Departamento de Apoio Técnico e Pedagógico da Secretaria da Educação (Sedu), Isaura Venerano, explicou que a comunidade precisa reivindicar, formalmente, por meio de ofício, a implantação do curso. Mediante a reivindicação, a Sedu estudará o assunto.